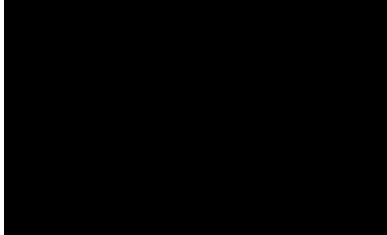




Homenagem Prof. Dr. Tubino

1939-2008

Um homem eterno pela sua obra.



O Professor Doutor Manoel José Gomes Tubino foi o primeiro brasileiro a se tornar Presidente Mundial da FIEP, cargo que conciliou com a função de Conselheiro Federal de Educação Física do CONFEF. Seu trabalho foi interrompido no dia 18 de dezembro de 2008, quando veio a falecer de parada cardíaca, ainda na sala de recuperação onde descansava após uma cirurgia. Doutor Tubino foi um dos responsáveis por tornar o nome do Brasil respeitado no cenário da educação física mundial, sendo ele mesmo membro de importantes organizações, como o International Council for Sport Pedagogy (ICSP) e a Association Internationale des Ecoles Superieures d'Education Physique (AIESEP), na qual era diretor. No país, foi Professor e Diretor em diversas faculdades e tendo sido, dentre outros, Presidente do Conselho Nacional de Desportos - CND, Secretário de Educação Física e Desportos - SEED/MEC e Presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte – INDESP.

Os textos que fazem parte desse opúsculo foram produzidos para o Seminário de História da Educação Física, do 24º Congresso Internacional de Educação Física, na cidade de Foz do Iguaçu/PR, de 10 a 14 de Janeiro de 2009, em comemoração aos 60 anos da FIEP no Brasil, e que contaria com a presença do ilustre Prof. Dr. Manoel Tubino, proferindo a palestra de encerramento, mas que por desejo do Supremo foi habitar nas nuvens ao lado dele, cabendo a nós prestigiá-lo através desta homenagem, Palestrante: Prof. Rui Proença Garcia.

Uma vida ética: Manoel José Gomes Tubino

Claudio Augusto Boschi

Presidente do CREF6/MG

Membro do CONFEF

Presidente do Instituto Casa da Educação Física

Delegado da FIEP em Minas Gerais

“Não há mais dúvida, a grande crise da Humanidade é de valores, o que talvez possa ser explicado ao se perceber que as pessoas da atualidade têm dificuldade de desenvolver elos entre os aspectos distantes do contexto ético anterior e as necessidades éticas da atualidade. Esta dificuldade, muitas vezes, é relacionada à perda dos valores anteriores no processo do tempo.”
(Manoel Tubino)

Amigo, Mestre, Sábio, Colega e Co-Orientador do Doutorado,

Você sempre dizia que uma característica do povo mineiro é a de convencer alguém de algo que não estava convencido.

Você não se foi, pois como nos lembra um político mineiro da melhor estirpe, amigo de JK, sertanejo calejado – José Maria Alkmin: “morreu para você filho ingrato, para mim ele aqui está como se vivo o estivesse”.

Um homem não falece quando sua obra é eterna.

Lembramos muito bem quando do falecimento de nosso saudoso Paulo Roberto Bassoli, que, como todos nós, muito lhe admirava e que seguia suas orientações: “fiquemos com o legado deixado e busquemos ali inspirações para o prosseguir”.

Estamos lhe tratando de uma forma afetuosa, mui fraterna, e acreditamos que nos autorizaria a tal, visto sermos sabedores que Manoel José Gomes Tubino alterou um adágio atribuído a Machiavelli em “O Príncipe”, já que diferentemente do que está ali colocado, o Imperador Tubino é venerado, respeitado, idolatrado por sua obra e pelo ser humano. Razão de estar assinalado no preâmbulo acima uma parte de seu discurso por ocasião do recebimento da Medalha “Paulo Roberto Bassoli”, em sua primeira edição, esta que é a insígnia máxima da Educação Física mineira.

Quiçá tivéssemos o pendor para lhe perpetrar uma ode, composição poética dividida em estrofes simétricas, que primitivamente o era em versos para ser cantada. Não sabemos fazê-lo, nem ousaremos.

Buscaremos, ao longo dos tempos, erigir um odeão dedicado a Você e, inspirados nos gregos, certamente tal edifício, assim como na Grécia Antiga, reunirá o público para ouvir os músicos e os poetas versando sobre tal musa inspiradora: sua obra.

Estamos continuando a caminhada que Você nos assegurou, e permita-nos que lhe escrevamos transcendentemente.

Primeiramente: a vida.

A Figura Divina criou, por um sopro, um ser à sua semelhança e que, para que não pairasse dúvidas, trouxe-nos o seu Filho, concebido pela Imaculada Conceição, demonstrando todo o seu ardor e empenho em prol da vida.

A vida se realiza em micro-células ou em grande metrópoles, em climas tórridos ou amenos, em terras férteis ou improdutivas, entre desejos comuns ou díspares, entre necessidades frugais ou mínimas, entre alegria ou tristeza.

Vida bela, vida sofrida, vida vivida, vida decantada pelos poetas, vida dedicada a outros, vida que vive a razão de viver do que se envolver.

Ao longo das civilizações, guerras aconteceram, decisões foram tomadas, a paz campeou e cambaleou, derrotas e vitórias sobrevieram, terras brasis foram descobertas. Mudanças sociais foram incetadas, povos foram dominados e libertos. A ciência progrediu, buscando o aperfeiçoamento e o rigor para a melhoria das condições de vida e do conviver.

Agora: o homem.

A nação brasileira sobrevinha de um período conturbado politicamente, fecundo para uns, retrogrado para outros, porém a história não negará os avanços ocorridos nos fins dos anos 30 e a década de 40.

Getúlio Vargas assina lei criando a Universidade do Brasil, precursora da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, Júlio de Mesquita e Armando Soares Pinheiro lideram o movimento que culmina na criação da Universidade de São Paulo – USP - e, nas Minas Gerais, lançam-se os alicerces daquela que se tornaria a Universidade Federal de Minas Gerais.

O avanço científico encastela-se para proferir alterações no mundo, tal qual as lições de Bartolo nos primórdios da mais antiga Universidade, a de Bolonha.

No mundo internacional, a Europa é palco de questões bélicas, sob a liderança denodada de Hitler buscando a supremacia; Stalin, Mussolini, Franco e outros ditadores fazendo vistas grossas ou pensando em como manter os “satus quo” da subserviência dos seus povos.

As conjunturas local e a internacional atuam sobre os esportes, apoiando seus projetos, eventos e competições, porém cobrando o alto preço da submissão e deturpação dos seus valores.

Louve-se, se é que poder-se-ia assim dizer, o incentivo a uma crescente onda de estudos e pesquisas, forjando as bases de um cientificismo em prol das atividades físicas, ainda que com uma visão milenar do “pão e do circo”, da exaltação ao culto físico, do ser ideal, da supremacia racial.

Em terras brasis, estabelece-se uma legislação e política de incentivo à Educação Física e ao Esporte, assim como a criação dos primeiros cursos superiores de Educação Física, dentro da crescente implantação de Universidades, berços e repositórios do saber científico e do desenvolvimento que o povo brasileiro e as nação pulsam.

Neste contexto, em Pelotas, no mesmo estado-torrão natal de Vargas, nasce Manoel José Gomes Tubino.

Em 1960 torna-se Bacharel em Ciências Navais, onde certamente travou conhecimentos básicos, e utilização futura, para o chamado condicionamento físico das tropas, em condições inóspitas, em “habitat” não natural ao ser humano, enfim, em condições que demandariam, mais estudos e melhores condições físicas para a adaptação às funções estabelecidas.

As evoluções técnicas desportivas, o alcançar de títulos internacionais, tais como o Bi-Campeonato Mundial de Futebol e de Basquetebol, as Medalhas Olímpicas de Ademar Ferreira da Silva, dentre as conquistas mais decantadas, fazem com que haja uma busca crescente e voluptuosa do saber científico e da evolução tecnológica.

Assim é que Tubino completa o Curso de Educação Física na Escola Superior de Educação Física do Exército – ESEFEX, em 1969, tendo ali convivido com alguns próceres, técnicas e treinamentos que marcaram e marcam até hoje a evolução da Educação Física e do Esporte em nosso País.

Um exemplo clássico é a preparação física da Seleção Brasileira de Futebol, Campeã Mundial de 1970 no México, em condições difíceis e antagônicas aos “artistas da bola”.

Se o futebol teve o estardalhaço, por sinal merecido, não podemos deixar de ressaltar a evolução da Educação Física brasileira, a partir de então, que, aliando-se aos conhecimentos de Professores venerados passou a contar com um grupo seletivo e restrito, que buscava o avanço científico e, neste grupamento, destacam-se Manoel José Gomes Tubino e Lamartine Pereira DaCosta, seu amigo de longas e brilhantes jornadas.

Aliás, cumpre aqui ressaltar que a veia científica propulsora de Tubino e Lamartine fez com que a Educação Física brasileira singrasse os mares e os ares do mundo afora.

Buscou, o Mestre Tubino, primeiro aliar o desenvolvimento tecnológico a um processo educacional, eis que estava trabalhando com seres racionais – o Homem. Daí o seu Mestrado em Educação, concluído junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1973.

A sua participação em projetos e desenvolvimento do Treinamento Desportivo possui como um de seus principais propagandistas o atleta medalhista olímpico Bernard, que brada aos quatro ventos a admiração e gratidão ao Professor Tubino, por lhe ter propiciado galgar o mais alto nível desportivo, mantendo uma qualidade de vida e condição física invejáveis, seguindo os ditames do Mestre.

Os conhecimentos científicos são ampliados e as fronteiras do Brasil são transpostas para que o Doutorado em Educação Física seja efetuado na Universidade Livre de Bruxelas, em 1982, naquela parte da Europa que desenvolve o conhecimento científico aliado ao bem estar social e à saúde.

A Livre Docência é alcançada em 1988, junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em “Treinamento Desportivo”, assim como amplia o ciclo acadêmico, sempre visando o homem e o esporte, quando alça ao Doutorado em Educação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no mesmo ano.

A habilidade intelectual e política de Tubino, que o Brasil hoje reverencia, já estava sendo posta em prática nos idos dos anos setenta, quando não se detendo perante às amarras distorcidas, travou conhecimentos com os mais avançados cientistas desportivos de então, dentre eles, Metéiev e Cooper, sem

perder de vista outros como Listelô.

A sua produção científica e disposição solidária para ajudar fez com que participasse da implantação de diversos cursos superiores de Educação Física, criasse condições para tantos outros, houvesse uma integração técnica desportiva com a educação, eis que o homem receptor de tais treinamentos e ensinamentos é um só, e deva ser respeitado como tal.

Dentre suas obras científicas, na área do treinamento desportivo, podemos destacar “Metodologia Científica do Treinamento Desportivo”, com treze edições; “As Qualidades Físicas da Educação Física e dos Desportos”, com sete edições; “Em Busca de uma Tecnologia de Ensino para as Escolas de Educação Física”, com duas edições e prêmio nacional; “Avaliação de Futebol em Escolas de Educação Física”; “Repensando o Esporte Brasileiro”; “Homo Sportivus”; “Dimensões Sociais do Esporte”; Educação para o Esporte”; “Esporte e Cultura Física”; “Educação para o Esporte”.

São algumas das publicações científicas de Manoel José Gomes Tubino que possuem o condão de revolucionar o mundo do treinamento desportivo, estreitado numa linha de respeito ao ser humano, possibilitando ao mesmo educação e saúde.

Aliás, Educação e Saúde, são hoje, como sempre o foram ao longo da existência da humanidade, direitos coletivos, garantias individuais, direitos sociais, basilares.

A obra de Tubino, no campo do treinamento desportivo, e também fora dele, fez com que pudesse estar sentado lado a lado com ícones de um lado, Metéiev e Cooper, e de outro, o seu amigo Cagigal, para que citássemos o campo internacional, eis que no plano nacional é excelência e referência.

Neste momento contemporâneo em que a Chama Olímpica arde de volta às terras e ilhas gregas, quando nos deparamos com a crescente participação brasileira em competições internacionais, quando percebemos a melhoria da qualidade de vida, quando almejamos vôos mais altos, é que poderemos perpassar por tantos e tantos sombrios, para que tenhamos a importância e o avanço dos ensinamentos de treinamento desportivo trazidos e detalhados por vários brasileiros, dentre eles, sobrepuja-se Tubino.

Como Presidente da *Fédération Internationale d'Éducation Physique* – FIEP tem prosseguido, a nível internacional, no desbravar do conhecimento e da informação científica sobre treinamento desportivo, dentre outras partículas

da Educação Física.

Cumpramos ressaltar que a FIEP foi, nos ensinamentos de Lamartine DaCosta, o marco inicial para que a Educação Física brasileira pudesse manter contatos com o mundo exterior, e, neste sentido, Tubino sempre reverenciou, dentre outros, os quatro Professores que, nos idos dos anos quarenta, trouxeram a FIEP para o Brasil, estamos falando de Alfredo Colombo (RJ), Antônio Boaventura (SP), Jacinto Targa (RS) e Sylvio Raso (MG).

Para muito orgulho não somente de nós brasileiros, Tubino é o primeiro cidadão do Hemisfério Sul a assumir a função de Presidente Mundial da FIEP - *Fédération Internationale d'Éducation Physique*

Nas esferas universitárias ocupou as funções peculiares à sua grandeza de conhecimento e ao desafio que sempre se impôs de ensinar e educar.

O serviço público federal foi lustrado com a sua presença à frente dos organismos executivos, destacando-se a Presidência do Conselho Nacional do Desporto – CND, onde comandou a chamada “democratização esportiva”.

Os anos oitenta marcam sobremaneira o esporte como direito social, de uma forma inusitada, mas que demonstra a importância e o respeito da sociedade por Tubino.

Nos idos de 1985 foi criada, no âmbito do Poder Executivo Federal, a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, sob a presidência de Manoel Tubino. A partir daí, estava alicerçado o sustentáculo que desaguardaria no atual artigo 217 da Constituição da República Federativa do Brasil, ou seja, “a constitucionalização do esporte”, como diria Tubino.

A Sub-Comissão do Desporto, responsável pela redação setorial da “Constituição Cidadã de 1988”, conforme apregoava Ulisses Guimarães, teve como seu Coordenador Manoel José Gomes Tubino. O esporte passa a ser direito de cada um.

No momento em que o Brasil assumiu uma condição ímpar de valorização profissional e de garantir que a sociedade seja atendida por pessoas capacitadas, comprometidas e éticas, Tubino assumiu o seu papel de liderança e campeonou, por caminhos nunca antes navegados, em prol da criação do Conselho Federal de Educação Física – CONFEF e dos Conselhos Regionais – o Sistema CONFEF/CREFs.

Empreendeu uma capacidade de trabalho e de articulação que lhe são muito peculiares, tendo sido recentemente eleito 2º Vice-Presidente do CONFEF.

A sua participação lembrava a de um menino ávido por aprender, de um mestre pronto a ensinar, e de um sábio a mostrar os caminhos éticos.

Um dos pontos próximos à sabedoria, segundo nos ensina Machado de Assis e Ruy Barbosa, é quando pode-se transmitir aos pares e alunos o que se sabe, no “olimpio do conhecimento– a Academia”.

Membro da Academia Brasileira de Ciências Sociais, na cadeira que tem como Patrono o decantado e venerado Anísio Teixeira, numa feliz coincidência, pois ali está o Professor e o Doutor em Educação e Treinamento Desportivo. Senão vejamos:

“A distância entre a Máquina e o Atleta está na qualidade da graça do segundo e não na rigidez da primeira. Para que haja um ser humano que supera limites, é necessário que haja tecnologia e quem as ensine e dissimine.”

Reminiscências.

Em Agosto de 2000, o CONFEF promove, juntamente com o CREF6/MG, um evento em Belo Horizonte, envolvendo os Cursos de Formação Profissional em Educação Física, e, ali Tubino foi homenageado. Eis alguns trechos de um discurso ali proferido.

“Se queres ser Rei, seja primeiro um Homem.”

Nós, da Educação Física Brasileira, não queremos ser rei ou rainha, pois que, não por o querer, não por não possuir os dons para tal, não por nada, mas, sim, por já possuir-mos um Homem que é a personificação de um Rei. Não um Rei somente Rei, não um Rei venerado, não um Rei temido, não um Rei tirano, mas, sim um Rei de carne e osso.

Saibamos discernir com bastante clareza, e distingamos quem merece as glórias para tal. Saibamos preceder aos ditames das ciências da História, pois muitas e profícuas ali se encontram inseridas, a nos conduzir por caminhos que se tortuosos, não o são ingratos.

As lições do passado, as lições do presente, as lições do futuro são seqüenciais, são

lógicas, são norteadoras, mas tão somente àqueles que tem e possuem o pendor sábio de interpretá-las. É uma divindade própria dos seres que são a realeza em si e por si.

“Cada um dos nossos cidadãos, em todos os aspectos múltiplos da vida, está capacitado a demonstrar que é o legítimo senhor e dono da sua própria pessoa, e, mais que isso, a fazê-lo com uma versatilidade e graça excepcionais.” Péricles nos demonstra, com muita clareza, o que os gregos entendiam por liberdade, numa lição que ultrapassou as marcas do tempo, pois se vácuo existiu, a propagação dos ensinamentos, ao contrário da lei da física, transcorreu líquida e cristalina, pura e singela, lívida e ingênua. Você é um defensor da liberdade de pensamento, de cultura e de procedimentos.

Do mesmo modo que os gregos, detestas a idéia de ser conquistado, nos círculos em que vives exige a liberdade de fazer tudo aquilo de que seja capaz, de realizar-se plenamente dentro da sua sociedade, de dizer o que pensa e de seguir o seu caminho sem a interferência dos outros. A sua, assim como a dos pais da filosofia e mestres eternos, crença da liberdade baseia-se num profundo respeito pela honra pessoal e é alimentado pelo amor da ação: a filosofia ou, literalmente, amor do conhecimento.

Aquele que encontra coisa melhor, e Você encontrou, e a reparte com os seus pares, pode com certeza e dignidade incluir-se, ou ser incluído, no que Aristóteles tinha em mente quando disse: “Devemos ser imortais tanto quanto nos for possível.”

“Somos livres e tolerantes nas nossas vidas particulares; mas nos assuntos públicos observamos a lei...Prestamos obediência àqueles a quem colocamos em posições de autoridade.”, eis aí uma lição multi-milenar da sabedoria milenar, mas nos parece tão real, pois poderia nos ter sido transmitida por Fidipedes, nos dias atuais.

*Homero, o grande mestre que propiciou e eternizou o apogeu da tradição criadora na lenda e no canto, com seus dois grandes poemas épicos, a *Iliada* e a *Odisséia*, não imaginava que em terras descobertas no além mares, em mares nunca dantes navegados, em terras brasis, no continente novo, haveria um seu seguidor: Fidipedes.*

Lord Byron nos relata sobre a Grécia:

*“As montanhas olham para Maratona
E Maratona olha para o mar;*

*E ali meditando uma hora sozinho,
Sonhei que a Grécia poderia ser ainda livre;
Porque ali de pé sobre o túmulo dos persas
Não me pude julgar um escravo.”*

Péricles, estadista ateniense que nasceu em 495 a.C. e morreu em 429 a.C., em sua oração fúnebre, eterniza: “Nossa constituição é chamada de democracia porque o poder está nas mãos não de uma minoria mas de todo um povo. Quando se trata de resolver questões privadas, todos são iguais perante a lei, quando se trata de colocar uma pessoa diante de outra em posições de responsabilidade pública, o que vale não é o fato de pertencer a determinada classe, mas a competência real que o homem possui.”

Saiba Fidipedes, que poderíamos passar a acreditar que as linhas traçadas da obra “Eram os Deuses astronautas?” são verdadeiras divagações, pois se os mueres da Ilha de Páscoa de fato indicam o balizamento da pista de pouso de uma astronave transcendental, com certeza esta nave trouxe até nós Você. Sim, trouxe-nos Fidipedes.

E nós que aqui estamos embebidos por conhecimentos colhidos ao longo desta jornada de árduo e profícuo labor, temos o regozijo de saber que Fidipedes, personagem mitológico cuja proeza de caminhar mais de quarenta e dois mil metros para alertar sobre possível invasão do território grego nos legou a competição clássica dos esportes, a Maratona.

Fidipedes, codinome literário do Mestre e Autor, que muito mais do que alcançar a superior colocação num concurso literário esportivo no Brasil, nos remete “Em busca de uma tecnologia para a Educação Física”.

É Professor, é Mestre, é Doutor. Fidipedes é Manoel José Gomes Tubino.

Manoel José Gomes Tubino, o Amigo e Mestre Tubino, nos traz à realidade uma parte da oração fúnebre de Péricles, o estadista ateniense, que nos disse: “...quando se trata de colocar uma pessoa diante de outra em posições de responsabilidade pública, o que vale não é o fato de pertencer a determinada classe, mas a competência real que o homem possui.”

Pelas mãos dos humanos, encastelada numa tocha, que contém a madeira da eternidade, incrustada num metal portentoso, a Chama Olímpica tem transitado nos continentes, trazendo, tal qual a cauda estelar, a mensagem da Paz. A Fraternidade tão decantada, nem sempre alcançada.

Saber, que muitos buscam, e que poucos alcançam na plenitude de tal.

Amigo e Professor Tubino, permita-nos aqui trazer as palavras de Olavo Bilac, num poema intitulado “Profissão de Fé”:

Vive! Que eu viverei servindo
Teu culto, e, obscuro
Tuas custódias esculpidas.

No ouro mais puro
Celebrarei o teu ofício
No altar: porém
Se inda é pequeno o sacrifício,

Morra, eu também!
Caia eu também sem esperança
Porém tranqüilo,
Inda, ao cair, vibrando a lança,
Em prol do Estilo!

Tal qual o destemido Rui Barbosa, Você é um brasileiro mundial, e ali inspirados, buscamos a parte final de um texto de sua lavra, dirigindo aos Formandos do Largo de São Francisco (Faculdade de Direito da USP), a nossa “Oração aos Moços”:

Eis, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira!
Nobre nação explorada! Brasil de ontem e de amanhã!
Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia: mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações da sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

Você, Amigo, Mestre e Professor. Regente de uma “Grande Orquestra”, tal qual nos ensina o mineiro Antônio Lopes de Sá:

Em uma orquestra muitos são os instrumentos que ao mesmo emitem sons, mas a música é uma só.

Da harmonia do conjunto, da qualidade do que executa o poderoso conjunto podem ser produzidas coisas maravilhosas.

Assim, também, é o corpo humano aonde muitas são as funções executadas visando a permitir o exercício da vida.

Na orquestra um maestro dirige e coordena a tudo.

Em nós é a mente que se incumbe de comandar o complexo organismo.

Imperador Tubino, primeiro e único, eternizado por sua obra, por seus ensinamentos, por sua fraternidade, por sua igualdade aos homens, por sua liberdade, ficamos, por aqui, com as palavras finais de seu Discurso já anteriormente citado, nas *Montanhas Alterosas*, junto às trincheiras da *Minas* e às planícies *Gerais*:

“Tenho agora mais motivos e responsabilidades para continuar minha luta.

No momento em que mais profundos sentimentos encontram-se à mostra, acho importante, por que não dizer essencial, afirmar aos presentes da minha crença de que o exercício do direito à Educação Física e ao Esporte, nesta sociedade incoerente e paradoxal, talvez seja o único sentido visível para uma efetiva promoção humana.”

Carta ao Mestre

Jorge Olímpio Bento

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

A morte não nos respeita: tem por costume sair à rua a despropósito e antes do tempo, em dias que nos falam de esperança, de luminosidade, de cumplicidade e fraternidade, de fecundidade e nascimento, de criação e alegria, de uma vida sonhada para ser mais e melhor.

Desta vez a ceifeira negra veio levar-nos o Manoel Tubino, um amigo muito querido e generoso, que gostava de saborear e partilhar a vida com todos nós. Levou-nos um brasileiro convicto, um português assumido, um cidadão com coração universal. Ela foi dura, amarga e cruel: podia ter escolhido outra ocasião, podia ter-lhe dado uma nova oportunidade, podia ter sido compreensiva e condescendente. Mas não, ela é mesmo assim; quis mostrar a sua frieza e indiferença: desrespeitou o Tubino e levou-o numa hora em que o Vasco da Gama, o seu e meu clube no Brasil, nos obriga a vestir de luto.

Mas ela não o venceu a ele, nem nos verga a nós. Ao levar o Manoel Tubino, ela não consegue abater a grandeza, a altura, a elevação, o aprumo, o valor, o respeito, a excelência, a transcendência, a nobreza e o Humanismo da obra que ele realizou, do tamanho, legitimidade e brilho que ele acrescentou à nossa missão e profissão.

O Manoel Tubino foi um companheiro bom, altruísta, solidário, fraterno. Ele será sempre lembrado como um Grande Homem. Ora o que é grande vê-se e avalia-se melhor à distância. Por isso ele está agora ainda mais alto e elevado no nosso olhar, na nossa admiração e consideração, na nossa memória e gratidão.

Percebo hoje melhor o que é a saudade: uma tristeza leve; uma tristeza casada com o privilégio de ter privado com uma pessoa, cujas palavras, exemplos, gestos e atitudes permanecem indeléveis a balizar e clarear o nosso caminho.

Bem hajás, amigo e companheiro! O que resta de ti enche-nos de orgulho e insufla-nos o peito, o coração e a alma com o ânimo e a vontade de seguirmos em frente, inspirados na lhanza da tua conduta. O teu nome será sempre recordado com a ternura e o apreço devidos àqueles que nos confortam, estimulam e encantam nos momentos de dor, aperto, desalento, angústia, atribulação e contradição, como neste dia de sentimentos divididos.

Em tua honra e homenagem faço minhas e balbucio estas palavras:

“É tarde já, vão sendo horas – horas de quê? De nada. De existir. De olhar ainda a luz, a vida. De absorver em mim o universo e levá-lo comigo sem nada desperdiçar. De exercer o ouvido enquanto ouve, os olhos, o corpo inteiro para que nada fique dele sem se cumprir. De encher os bolsos de tudo o que se me dá ou sonhar mesmo o que me não deram e não deixar perder nada por distração. De dizer a palavra vida e tudo nela florir logo na sua existência. (...). A luz, a luz. (...) Não é a luz sumarenta do Outono ou a luz pesada do Verão. É uma luz nítida e ainda fria dos gelos do Inverno. Recorta as coisas pelo seu limite (...), elas emergem inteiras do seu ser. Essencialidade da vida, é a altura de lavarmos nela as mãos e olhar. Entender aí a nossa relação com elas e sermos nós também na inteireza do que somos. Aprender a ver o mundo na sua estrita realidade sem um ver que nos cegue como o fogo do Verão e a moleza outonal. Aprender o limite do excesso de nós para conhecermos a alegria que nos não cansa ou a melancolia que tem pacto feito com a morte. Existir uma vez ainda no recomeço de existir. E saudar a vida ainda, como se pela primeira vez”. Vergílio Ferreira (*Escrever*)’

Porto, 19 de Dezembro de 2008

O Homem Público Manoel Gomes Tubino

Lamartine P. DaCosta

“Por tudo isso, Excelentíssimo Senhor Ministro, atendendo à solicitação, apresento o meu pedido de exoneração, mas não posso deixar de afirmar que estou aliviado por não fazer mais parte deste quadro confuso de inverdades, jogos de politicagem, denúncias não apuradas, protecionismo e interesses inconfessáveis, que tanto estão entevando o desenvolvimento do esporte no Brasil.” Manoel G. Tubino em carta ao Ministro Rafael Greca do Ministério do Esporte e Turismo, 05/10/2000.

A declaração em epígrafe (1) constitui uma das abordagens para compreensão de atitudes públicas entre tantas expostas por Manoel Gomes Tubino, insigne profissional de Educação Física, recentemente falecido. Tal denúncia de rara objetividade e franqueza foi emitida quando da exoneração deste inesquecível protagonista da Educação Física e das lides do esporte no Brasil, da função de presidente do Instituto Nacional do Desporto (INDESP), órgão extinto em 2003 e que deu lugar ao atual Ministério do Esporte.

O contexto que deu origem às palavras reativas de Tubino é bastante familiar aos brasileiros uma vez que se tratava do então escândalo político dos bingos, atividade por vezes incluída entre os jogos de azar, portanto ilegal no Brasil. Porém, no início da década de 2000, a liberação dos bingos se dava por autorizações do então Ministério do Esporte e Turismo (MET), de acordo com pareceres legais calcados na legislação esportiva em vigor à época mas sujeitos a interpretações. Como tal, montou-se um processo de favorecimentos a partir de intervenções de deputados, senadores e dirigentes do Governo Federal que pressupostamente transformou o INDESP num implícito instrumento de manipulação partidária (2) (3).

Como tais procedimentos não se ajustavam ao compromisso público assumido por Tubino em sua posse, por meio de documento escrito e distribuído para a mídia em junho de 2000 (4), a opção adotada por ele foi a de confronto com o ministro da ocasião e respectivo partido, o que ocorreu em outubro do mesmo ano (1). Este fato naturalmente solicita interpretações de maior detalhamento pois poderia ser categorizado à priori como mais um produto da relação entre esporte e política de partidos, historicamente no Brasil voltada para a manipulação e corrupção promovidas pela chamada “fisiologia” partidária. Entretanto, o foco apropriado para exame neste caso é o de Homem Público, em tese uma categoria central para a elaboração futura da memória deste

professor, pesquisador e gestor de porte nacional e prestígio internacional.

Entenda-se aqui Homem Público a partir do nexo de vida pública que tem se diluído desde a Antiguidade Grega e Romana, com as percepções coletivas dando lugar progressivamente ao individualismo. Hoje, segundo Richard Sennett (5), a vida pública constitui uma formalidade passiva e conformista por se apoiar mais em indivíduos do que na sociedade. Contudo ainda existiriam vínculos sociais e políticos que dão significado à *res publica*, em que pese o domínio de laços pessoais, que no limite se apresentam narcisistas. E tal sobrevivência, ainda acompanhando Sennett (6), residiria na moldura carismática de certos líderes – intelectuais, artistas, políticos etc – que representaria uma rara “personalidade pública” nitidamente voltada para empreendimentos de efetivação do bem público.

A atitude de aparente rebeldia de Tubino contra o *status quo* partidário com relação ao INDESP, em outras palavras teria explicitado – senão revelado – sua personalidade pública. Particularmente para as tradições de política praticada no Brasil - de cunho ideológico inclusive - , este compromisso público de Tubino ao assumir o INDESP poderia ser classificado como politicamente equivocado. Mas do ponto de vista de empreendedorismo esportivo, esta iniciativa de contraste com o poder político dominante foi uma expressão de espírito coletivista. De fato, a “Carta-compromisso” de Tubino foi uma declaração de princípios de gestão e de conceitos básicos, algo negligenciado frequentemente pelo fazer político atual dado a que definições a priori esvaziam intervenções casuísticas – mormente de índole personalista - ou de interesse de grupos, tão a gosto do poder partidário.

Em síntese, a figura de Homem Público manifesta-se na Carta-compromisso de Tubino, representando um fio condutor de seu legado profissional todavia a ser explorado. Efetivamente o documento em lide tem início por fundamentações as quais como explicita seu autor, precedem seus comprometimentos. Admite-se na seqüência a inclusão do esporte na teoria da complexidade de Edgar Morin, cujas interpretações se situam além da racionalidade cartesiana aceitando contradições, acasos e paradoxos. É nítida portanto a escolha do intelectual Tubino de visões universalistas como melhor alternativa às percepções particulares de feição personalista.

Adicionalmente Tubino explorou o esporte no marco da complexidade de Morin, assim sendo produzindo “tolerância nas interpretações dos fatos sociais” e postulando então textualmente que “o esporte como campo cultural e social,

passou a ser compreendido por diferentes interpretações”. Por outro lado, o documento enfatiza o crescente domínio da tecnologia em todos os passos da vida humana, que para Tubino teria um significado de “individualização absoluta”, próximo portanto aos vislumbres de Sennett antes aqui invocado. Mas em distinção a este autor do livro “O Declínio do Homem Público”, Tubino concluiu que o esporte poderia ser “uma das poucas vacinas” hoje disponíveis contra o “distanciamento humano”, afinal declarando que “nunca o esporte foi tão importante para a sociedade!”.

Os compromissos em seguida desdobram-se por balizamentos: (a) aceitar o conceito de que o esporte é um direito fundamental de todos, de acordo com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO, emitida em 1978; (b) reforçar o papel da mulher no esporte como uma questão de direito; (c) promover de modo eqüitativo e interrelacionado as versões do esporte de sentido educacional, de lazer e de alto rendimento; (d) dar prioridade ao esporte educacional como formação de cidadania, na perspectiva de atender o artigo 217 da Constituição Federal de 1988; (e) adotar o conceito de lazer da World Leisure and Recreation Association – WLRA que implica em se assumir o “tempo em que temos autonomia e limites para buscarmos experiências significativas sem comprometer normas e costumes da sociedade que valorizem o desenvolvimento individual, grupal e coletivo”; (f) aceitar a premissa de Norbert Elias de que o esporte constitui um processo civilizatório e portanto legitima a participação social coletiva; (g) entender o esporte de rendimento como propiciador da auto-estima nacional e gerador de heróis esportivos como modelos educacionais para a juventude brasileira; (h) enfatizar os Movimentos Olímpico e Paraolímpico no Brasil, tanto do lado de melhoria da representação esportiva nacional como da promoção da ética no esporte, sobretudo em termos equidade social e de *Fair Play*; (i) assumir a responsabilidade de regulamentar por partes a Lei 9615, a Lei Pelé; (j) prescrever políticas públicas para todas as formas de esporte existentes na sociedade brasileira; (k) elaborar um Plano Nacional do Esporte, sempre preconizado mas não efetivado; (l) admitir a relevância da infra-estrutura física, da capacitação dos recursos humanos e da ciência como suportes indispensáveis para o desenvolvimento do esporte; (m) inserir o turismo nas lides do esporte implementando um Calendário unificado para ambas atividades em dimensões nacionais.

À luz desses compromissos, Tubino encerra sua Carta-compromisso pondo em destaque suas referências operacionais a saber: (i) dívida social grande do país o que obriga a dar urgência ao desenvolvimento social; (ii) retirada da

administração federal do esporte da condição “de balcão” que significa trocar a postura de mera receptora de projetos por outra pró-ativa, de liderança nas ações; (iii) reafirmação do esporte como “o maior fenômeno sócio-cultural deste final do século e início do próximo milênio”, o que oferece por si só conteúdo e honra para função de Presidente do INDESP.

Em resumo, a Carta-compromisso de 2000 pode ser considerada um legado importante para a memória de Manoel Gomes Tubino tanto quanto para sua moldura carismática de Homem Público. Neste contexto, é digno de atenção o curto período de atuação de Tubino no INDESP, sugerindo um nítido conflito de posturas gerencias na origem do caso dos bingos. Não é surpreendente, portanto, que na Carta declara Tubino se dirigindo ao ministro a quem estava subordinado: “Quando convidado por Vossa Excelência para assumir a presidência do INDESP, pensei que poderia colocar toda a minha experiência e compromisso a serviço da sociedade brasileira, contribuindo através do esporte nesta relevante missão.”

O manifesto em seu fechamento, revela ainda mais uma faceta da personalidade pública do seu autor: “Como lealdade e confiança entre pessoas são coisas recíprocas, o fato de Vossa Excelência ter rompido esses dois valores na nossa relação hierárquica no MET, conforme a minha exposição acima, é essencial que em nome da transparência e da busca da verdade no regime democrático, eu coloque este documento à disposição da opinião pública e das autoridades do meu país.”

Ou seja, à título de conclusão, a lição síntese a extrair das posturas do Homem Público Manoel Gomes Tubino é que coisas públicas devem ser tratadas publicamente e nesta particularidade define-se o exercício democrático, tão decantado mas pouco praticado. E mais: Tubino constituiu um modelo de trato do bem público calcado na ética da convicção de acordo com a definição clássica de Max Weber, desde que adotou normas e valores para seu comportamento político independente de sua posição de gestor de órgão público. Não seria esta a postura ideal para um profissional de Educação Física que se coloca à serviço da sociedade a que pertence? E ousando generalizar perguntaríamos: não seria a ética de convicção o modo de legitimar intelectuais a serviço de governos e instituições privadas?

Para aqueles que tem acompanhado a trajetória de Manoel Gomes Tubino – professor, pesquisador, gestor e Homem Público - tais questionamentos ganham agora sentido argumentativo e como tal tornam-se fatos de memória

deste inesquecível líder da Educação Física e do esporte no Brasil e no exterior.
Requiescat in pace.

REFERÊNCIAS

(1) Manoel G. Tubino, Carta ao Ministro Rafael Greca do Ministério do Esporte e Turismo. Documento datado de 05/10/2000 distribuído para a imprensa em Brasília.

(2) Agência Senado, “Lobão diz que Tubino, e não Greca, assinou a portaria”. Notícia Arquivo 27/10/2000, Brasília, www.direito2.com.br.

(3) Agência Senado, “Greca avalizou tudo, diz Manoel Tubino”. Notícia Arquivo 27/10/2000, Brasília, www.direito2.com.br.

(4) INDESP, Carta-compromisso de Posse do Prof. Dr. Manoel Tubino na Presidência do Futuro Instituto Brasil Esporte. Brasília: Ministério do Esporte e Turismo, 2000.

(5) Sennett, R. O Declínio do Homem Público – As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

(6) Sennett, R. Op. Cit., pp. 15 – 64.

A morte como a celebração da vida. Uma homenagem

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Conselho Regional de Educação Física 6ª Região – MG

Breve Introdução

Dizia o escritor galego Camilo José Cela que na vida não há nada mais banal do que a morte. Falar sobre a morte é, então, um imperativo para quem quer discutir a excelência e a perenidade da vida humana, principalmente quando no horizonte se perfila alguém que tão recentemente empreendeu a viagem final cujo destino queremos que seja sublime. A morbidez do assunto é apenas no campo da cultura urbana do mundo submetido ao condão da modernidade, nada tendo de sórdido em outros ambientes culturais. A morte é também uma questão passível de uma abordagem multicultural.

O Professor Manoel José Gomes Tubino partiu, mas a sua memória permanece entre nós, cumprindo assim um dos desígnios do homem, o de se tornar espiritualmente eterno.

Em nome da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto participei activamente nos últimos 5 congressos internacionais da FIEP realizados na cidade de Foz do Iguaçu. Com o Professor Tubino mantive cumplicidades, pelo que nesta hora de homenagem, justa e apaixonada, senti a imperiosa necessidade de lhe dedicar algumas reflexões. Talvez sejam reflexões avulsas sobre um tema que não domino nem posso dominar. Escrever sobre a morte é sempre um desafio que não tem comprovação. É escrever sempre sobre o *outro* mas neste caso o outro é *um de nós*. Sim, porque para mim o Professor Tubino não é um *outro* qualquer. É alguém de *nós*, que está perto de *nós*, que pensa como *nós* pensamos, que de forma alguma é diferente daquilo que *nós* vamos sendo.

É um lugar-comum afirmar que o ser humano, que já nasceu, envelhece e morre. Mais do que uma espantosa evidência estatística (um certo humorista, não sem graça, disse que a morte é hereditária) a morte é encarada, pelo menos por enquanto, como uma certeza universal, talvez a única certeza apriorística que conseguimos conjecturar. O nascimento, condição mais do que necessária para que possamos morrer, é outra certeza mas, ao da anterior, apenas é tida a posteriori. Porém, malgrado a infalibilidade da previsão sobre a morte, ela continua a ser um tremendo mistério, angustiando o que vai morrer e aqueles que poderão assistir e documentar esse momento, constituindo-se

num absoluto e como tal uma condição humana inultrapassável. Curiosa é a posição de João Lobo Antunes sobre a morte: qualquer diagnóstico médico gera um atestado, enquanto que o diagnóstico da morte gera uma certidão.¹ A morte é, então, uma certeza que pode ser certificada sem qualquer risco de engano, uma vez que é universal, inapelável e definitiva, não deixando qualquer tipo de dúvida à medicina.

Associada à morte do homem está, erradamente, a velhice. A velhice é vista muitas vezes como uma mera antecâmara da morte, e não como uma idade cheia de potenciais que poderão, e deverão, ser desenvolvidos.

Cada idade é para ser vivida na plenitude dos seus ideais, dos seus valores, das suas características, das suas grandezas e fraquezas. Não devemos encarar cada idade da vida como uma preparação para a seguinte ou para o fim da pessoa. A velhice terá, então, que ser observada como um período da vida humana recheado de capacidades, que deverão ser almeçadas por todos. Reduzir a velhice à véspera da morte ou mesmo à sua preparação, é circunscrever em demasia o elevado valor da vida humana. O idoso terá que viver o seu tempo tal como um jovem vive o seu, ou seja, na esperança que vale a pena vivê-lo. Ninguém é tão velho que, no seu íntimo, não espere viver pelo menos mais um ano... Mantenhamos essa esperança.

Embora não me entusiasme particularmente com algumas posições existencialistas sobre a relação entre vida e morte, tenho que concordar com Heidegger quando alude que mal a pessoa nasce já está suficientemente velha para morrer. Posso não simpatizar totalmente com esta formulação, em especial com o sentido atribuído à palavra velho, mas é inevitável que se pense assim, pelo menos quando se associa a morte à mera evidência biológica de existir. Mal acontece o nascimento de um ser humano, de facto, ficam logo reunidas as condições necessárias para se morrer.

Neste sentido a morte é o culminar de um processo normal de um ser vivo *sexuado, um inexorável facto biológico, esse por cujo efeito irreversivelmente cessa a actividade vital*, como assevera Pedro Laín Entralgo.² Hannah Arendt, de certeza uma das pessoas com um pensamento mais lúcido deste mundo marcado por um certo tipo de pragmatismo e que viveu entre 1906 e 1975,

¹ João Lobo Antunes (2005). Sobre as minhas mortes. In *Sobre as mãos e outros ensaios*. Lisboa: Gradiva, p. 101.

² Pedro Laín Entralgo (2003). *Corpo e alma*. Coimbra: Almedina, p. 360.

afirmou que o final do século passado ficaria marcado por enormes massas de refugiados de todas as naturezas. Infelizmente as suas previsões estavam correctas. Todos os dias as televisões invadem a nossa comodidade cosmopolita mostrando imagens de pessoas famintas que, sem nada e em especial sem a mínima esperança, fogem de tudo e de todos, refugiando-se em parte alguma, abalando das suas terras por razões políticas, culturais, religiosas e outras autênticas não razões, com um olhar perdido e um corpo macerado pela penúria em que se encontram. Bem mais perto do nosso conforto temos os denominados *velhos da rua*, designação construída daquela outra popularizada no Brasil, *meninos de rua*. Também se poderia falar dos *velhos dos hospitais*, tantas são as denúncias proferidas por médicos e outros agentes do sistema de saúde sobre famílias que abandonam os seus velhos nestes locais.

Mas para lá destes fugitivos de suas terras ou afugentados de suas famílias, outros velhos há que são verdadeiros refugiados da vida. Como cantava Miguel Torga:³

*Pouco a pouco, vamos ficando sós.
Esquecidos ou lembrados
Como nomes de ruas secundárias
Que a custo recordamos
(...)
Mortos sem ter morrido,
Lúcidos defuntos,
Vemos a vida pertencer a outros.*

Se o envelhecimento, com todas as suas sequelas, é uma constante da vida humana na nossa sociedade assiste-se a um fenómeno que Luc Ferry⁴ trata de forma deliciosa:

Às vezes tenho a impressão de só cruzar com indivíduos cuja primeira preocupação, tanto do ponto de vista físico como moral, é não envelhecer. Para eles (...) viver bem é “permanecer jovens”. Isso se torna quase um fim em si mesmo.

Não custa aceitar a existência de um imperativo ético que obriga a que

³ Miguel Torga (2000). *Solidão*. In *Poesia completa*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, p. 957.

⁴ Luc Ferry (1999). *Para que serve a filosofia contemporânea? Pensar o “insubstituível de nossas vidas”*. In André Comte-Sponville e Luc Ferry. *A sabedoria dos modernos*. São Paulo: Martins Fontes., p. 522.

nos mantenhamos jovens o mais tempo possível. Em nome desta juventude eterna tudo é permitido, desde rejuvenescimentos de natureza física – cada vez em maior número e recorrendo a artefactos mais sofisticados – passando por práticas de cariz simbólico – por vezes verdadeiras ilusões, como podem ser algumas actividades desportivas – chegando até ao delírio de uma vida eterna proporcionada pelas novas tecnologias, como é o caso da criogenação, postergando a morte para lá do concebível, oferecendo ao homem o devaneio de uma vida que se tornaria eterna. Tudo serve para resistir, resistir, resistir ao envelhecimento do corpo.

A vida humana comporta determinadas fases ou momentos. Cada uma dessas fases é compreendida de forma diferente consoante a época em que o homem se encontra e de acordo com determinados padrões culturais estabelecidos que, por sua vez, estabelecem as nossas perspectivas. Há sociedades em que o velho se assume como a figura dominante. Nem sequer é necessário irmos muito longe para descortinarmos esses núcleos de pessoas que vêem o idoso como o garante da estabilidade social e da permanência das tradições culturais. Ainda hoje nos nossos países⁵ conseguimos pressentir a valorização da figura do idoso, mormente em meios rurais ou em algumas famílias consideradas mais tradicionais, mesmo que habitando espaços urbanos.

Porém, temos que reconhecer que este reconhecimento do superior estatuto do idoso se constitui na excepção e não na regra. Esta vai no sentido oposto. Ser velho é um marcador social que interessa não obter. Mas o tempo é inexorável e o “destino” há muito que se encontra traçado. Ou morremos antes – hipótese que se quer absurda – ou envelhecemos, isto é, chegamos a ser velhos.

Como já foi enunciado, queremos chegar a velhos mas não sentimos grande vontade para o ser. E aqui funciona, mais uma vez, o imaginário. Durante a nossa vida de juventude vemos aquilo que se passa com os velhos. Vemo-los com problemas, cada vez mais evidentes e graves – doenças degenerativas, *esclerose múltipla*, *Alzheimer*, *Parkinson*, entre muitas outras – males estes que acabam por afectar o nosso conforto pessoal. Vemos assim o *outro*, tomando plena consciência de que um dia poderemos ser o tal *outro*. Essa consciência atemoriza o homem jovem. Criamos distâncias em relação a eles. Recusamos

⁵ Obviamente que me refiro a Portugal e ao Brasil onde já orientei trabalhos de pesquisa sobre a visão da sociedade sobre o idoso.

essa possibilidade, mas no íntimo essa ideia não se desvanece por completo. Queremos fugir da decrepitude humana, mas sentimo-nos impotentes perante tal possibilidade. Sonhamos com uma juventude perpétua, mas sabemos que a vida não é assim. Queremos ser jovens para sempre, mas um dia, seremos velhos!

Pela experiência, pela estatística ou pelo conhecimento de como se processa a vida, ligamos a velhice à morte, isto é, ao fim. É a ruptura completa com o ser. É o abandono de tudo e todos. Isso é que não, não poderá nunca acontecer! Temos que sobreviver ao mais terrível desígnio da vida humana. Não podemos morrer. Quem morre são os velhos. Fiquemos jovens para sempre e assim conseguiremos ultrapassar as agruras do ciclo vital! Ser velho é ser-se apresentado à morte, à sua sorte. Não a queremos conhecer. Ela é apenas para os outros e eu sou, simplesmente, *eu*. Não sou o outro para ninguém! Não! Ela não me reconhece debaixo desta pele sem rugas, sem estrias, com uma película lisinha.⁶ Ela não vai saber a minha idade quando me vir com este corpo tonificado, bem aprumadinho, com o cabelo todo e pretinho, sem óculos e com uma audição perfeita. Terei de a enganar. Terei de usar lentes de contacto e imperceptíveis aparelhos para escutar os outros a falarem, até, de mim. Vou ter de enganar os meus rins e pulmões. Até ao coração terei de contar uma mentirinha, mas piedosa. Mesmo o sexo terá de ser despistado. Na aparência tudo tem que funcionar, e à *mil maravilhas*. Vou ter que enganar a morte, mas não só a ela. Também terei de enganar os meus familiares e amigos e não tomar consciência que os meus colegas de escola e de emprego estão a morrer um a um, ou então pensar que morreram em estúpidos acidentes. Coitados, tão novos! Vou ter de me enganar e, acima de tudo, vou ter de iludir o... tempo. Como? Mentindo na idade? Dizendo que nasci quando já cá estava há anos? Quem se acreditará em mim? Talvez consiga. Se fizer uns exercícios físicos, se tomar uns medicamentos e aquela mezinha que aprendi a fazer à base de produtos naturais... Talvez consiga enganar o tempo. Bem, na realidade já nem sei muito bem quando nasci. Esta memória... De facto tenho notado de que me lembro muito bem de coisas tão antigas e custa-me recordar aquilo que aconteceu recentemente ou de coisas tão elementares como da minha data de nascimento. Qual a razão destes sucessivos esquecimentos? Não será isso um sintoma de velhice? Afinal não consigo enganar o tempo,

⁶ As evidências físicas do envelhecimento referidas foram retiradas de Wannan W. Spirduso (1995). *Physical dimensions of aging*. Champaign, Illinois: Human Kinetics

seja ele lá o que for. Por mais que queira parece que estou a perder altura. As minhas articulações já não funcionam como dantes. Tenho de continuar a lutar contra todos esses sinais, mas eles já não se deixam vencer. Parece que vou perder essa luta pela juventude eterna. Mas será isso um mal ou a consequência de um bem, que foi viver uma longa vida? E ser velho também não tem que ser um anátema. Até é interessante saber que cheguei até aqui e poder rir-me daqueles que julgam que vão ser sempre aquilo que agora são ou parecem ser. Não quero ser tratado como um *falseador* de realidades nem como um coitadinho. Quero ser tratado como um verdadeiro ser humano que nasceu, desenvolveu-se, envelheceu e, um dia, morrerá. Sem eufemismos de espécie alguma, aceitando de cabeça erguida os desígnios da vida! Não quero continuar a viver com disfarces nem ocultar permanentemente aquilo que sou na realidade! Quero que me vejam como um ser humano com todas as suas grandezas, e se considerarem as evidências corporais como misérias, quero também ser assim visto! Sem rodeios ou falsos temores!

Caro Leitor: apercebeu-se de que estas impressões sobre a velhice são pura ficção. São fruto da minha imaginação. Não resultam de investigações directas mas de sentimentos vários, que nada mais são do que formas de sentir a vida. Mas às vezes a verdade não se afasta muito das nossas impressões mais simples e imediatas. Quem como eu vai estudando os efeitos corporais resultantes do envelhecimento, sabe que há particularidades que o evidenciam. Sabe que a pele, esse impressionante órgão que une o nosso organismo ao mundo exterior, estabelecendo uma verdadeira relação ecológica entre o homem e o ambiente, sofre alterações visíveis. Enruga-se, perde alguma elasticidade, enfim, demonstra o inevitável. Nem tudo continua a funcionar como dantes. Há perdas, até da memória de acontecimentos relativamente próximos de nós. Tudo isso queremos evitar e quando tal deixa de ser possível, a opção é disfarçar. Ora, quando a máscara, inevitavelmente, cai, então o melhor é encontrarmos um refúgio para não mais sermos vistos. Esse é um dos dramas de muitos idosos, em especial nas sociedades submetidas aos cânones do desenvolvimento: o medo de ser visto.

São poucas as pessoas que não se envergonham de serem como são ou como estão. Essas são as pessoas que compreendem em toda a extensão o conceito de dignidade humana. A vida é para ser vivida em toda a sua natural extensão com o máximo de dignidade. Não é uma condição física, sensorial ou mental, que permite que classifiquemos a vida. Não, esta é um todo que apenas pode ser marcada por dois momentos paradigmáticos: o nascimento e a morte enquanto fenómeno natural. Defender o idoso, seja qual for a sua imagem, é defender a vida em toda a sua extensão.

O homem submetido a uma lógica consumista e juvenil devota ao corpo uma atenção desmedida, uma quase militância, considerando-o como um documento vivo do jogo da vida, como nos assevera Vicente Ferreira da Silva.⁷ O idoso, o actual idoso, embora educado através de uma ética de corpo pecaminoso, não ficou imune a este sentimento sobre o corpo. Tenho de admitir que no futuro idoso, já formado através de uma outra visão corporal, a relação e o próprio drama com o corpo venham a ser substancialmente diferentes, talvez radicalizando alguns destes sentimentos de impotência perante o decurso temporal. Admito uma maior angústia em relação à imagem corporal nos actuais jovens quando forem velhos.

Sei que há uma incrível perfusão de estereótipos sobre o corpo e seus ideais de beleza. A boa aparência, signifique isso o que se entender, é para ser buscada e mantida. O corpo surge como um invólucro da pessoa, algo que envolve ou evidencia uma narrativa pessoal, e o nosso desejo confunde-se com a imaginação.

Desejamos e imaginamos que o envelhecimento pode ser parado. Não pode!

Desejamos e imaginamos que podemos anular os efeitos do envelhecimento no corpo. Não podemos!

Desejamos e imaginamos que as doenças não nos atingirão. De certeza que nos atingirão!

Desejamos e imaginamos uma vida totalmente autónoma. Dificilmente a teremos!

Desejamos viver eternamente. É impossível!

O que podemos desejar, imaginar e reivindicar é viver toda a vida com a dignidade que qualquer ser humano merece.

A espantosa aventura da vida

Tal como para Aristóteles o espanto tem sido o ponto de partida para muitas das minhas reflexões. Também a escrita deste texto sobre o *A morte como a celebração da vida*. Uma *homenagem*, tem como princípio alguns deslumbramentos perante o ser humano.

É um espanto que existamos. É espantoso que nos maravilhemos com este extraordinário dom que é estarmos vivos, em sermos pessoas. É magnífico

⁷ Vicente Ferreira da Silva (2002). *Dialéctica das consciências e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

pensarmos que somos uma das poucas exceções no que aos seres vivos diz respeito. Vivemos num universo sem medidas humanas que o possam compreender. Tivemos que inventar palavras para o compreender. Inventámos a palavra infinito e a palavra infinitesimal para termos algum conforto perante o desconhecido, seja ele o muito grande ou o muito pequeno. Não sabemos se haverá outro planeta habitado por seres inteligentes. Admitimos, estatisticamente, que sim. Mas só na perspectiva estatística!

Olhar para o céu numa noite sem nuvens constitui-se num espectáculo inigualável. Nada parecemos ser em termos cósmicos mas, ao que sabemos, somos a única inteligência que se consegue assombrar diante do infinito. Conseguir tal proeza é de facto algo de único, que nos deveria deixar profundamente felizes e eufóricos.

Nós somos um simples grão de pó a vaguar no éter espacial. Conseguimos atingir esse patamar da sofisticação da matéria. Somos vida e ao contrário de uma extrema alegria por o ser, o homem não parece aceitar em toda a sua dimensão esta preciosa condição. Tem medo de envelhecer e, de todo, de morrer, como se envelhecimento e morte não fossem características da vida, em especial daquela que é humana.

Duvido que um animal ou um arbusto receiem a morte ou se maravilhem com o céu carregado de estrelas. Esses seres não saberão que são únicos em relação à matéria.

O homem, que sabe que o é, horroriza-se perante a ideia de não o ser, esquecendo-se que é a morte que possibilita que tenhamos um sentido, ou sentidos, para a vida.

Espanto-me quando percebo que queremos viver muito e muito tempo e depois não aceitemos as consequências desse desejo. Espanto-me quando sou presente à ideia da imortalidade do corpo como garante de uma felicidade, como se o homem pudesse ser reduzido à sua dimensão plástica. Espanto-me quando ouço falar da morte como um simples fim e não como uma oportunidade para celebrar a vida, toda a vida.

Finalmente, espanto-me quando se quer ocultar as marcas que o tempo sulcou no corpo humano. As rugas, qual musgo em pedra granítica, exaltam uma existência longa, a certeza que já vimos muitas vezes, através do leve piscar de luzes, o universo a pulsar naquelas cálidas noites de verão. Vida e morte não são entidades indizíveis, mas vertedoras da certeza que somos humanos.

Senti algum reconforto perante tantos espantos quando li uma

pequena passagem de Edgar Morin⁸ que nos diz que *para nós, seres vivos, a vida parece evidente e normal, e a morte parece-nos espantosa e incrível. Mas, se nos colocarmos do ponto de vista do universo físico, então, (...) é a vida que se torna espantosa e incrível (...).*

Estes espantos e esta magistral reflexão de Morin, nada mais são do que gritos de esperança e de júbilo pela vida. O fim da vida não é um fim definitivo. Não sei, não posso saber cientificamente, se haverá outra vida no além. Não sei, não consigo saber pela ciência, se reencarnarei ou se já sou uma reencarnação de alguém do passado. Não sei, não alcanço por nenhum método empírico, se há algum paraíso ou, ao invés, um inferno. Não sei mas respeito todos aqueles que vivem de acordo com esses conhecimentos. O que sei é que a vida é para ser vivida na plenitude de todo o seu tempo de duração. Até a morte se constitui numa experiência, a última, profundamente humana, pelo que é um equívoco pensar no homem sem abordar a temática aqui em apreço.

Foram estes os espantos que desencadearam esta escrita. Além do mais, como lembra Montaigne, filosofar é aprender a morrer.

A morte

Foi há muito tempo, há todo o tempo, que ocorreu o *big-gang*, momento criador do universo. Mais tarde formaram-se as galáxias e numa delas apareceu o sistema solar e com ele a Terra. Depois veio a vida. Primeiro, simples formas vivas. Lentamente foram evoluindo e um dia a Terra estava povoada pelo homem.

Esse ser, cada um de nós, nasce. Parece um milagre esta capacidade de gerar vida, de conseguir que matéria pense e se projecte. Depois desenvolvemo-nos. E de mero produto passamos a geradores de vida. Por fim a vida estreita-se e um dia haveremos de morrer.

A vida parece ser um parêntesis do nada. Nada éramos até ao nascimento e nada seremos após a morte.⁹ Pelo menos é o que parece! Nem a Bíblia fica indiferente à nossa ínfima condição de ser vivo. Do pó viemos, ao pó regressaremos. É esta a mensagem do Livro os Livros para os cristãos. Pó e nada poderão não ser exactamente o mesmo mas o olhar angustiado do homem contemporâneo vê-los com igual valor.

Milhares de milhões de anos se passaram sem nós e, estou certo,

⁸ Edgar Morin (s/d). *O método II. A vida da vida*. Mem-Martins: Publicações Europa-América (1ª edição francesa, 1980).

⁹ Encontramos num texto de Emmanuel Lévinas, *Como pensar o nada?*, uma excelente reflexão sobre a morte e o nada. *Deus, a morte e o tempo*. Coimbra: Almedina, pp. 87-90, com continuação nos dois textos seguintes.

outros tantos se passarão sem a nossa presença, pelo menos na dimensão com que agora nos encontramos. Mas agora estamos vivos e essa condição é insofismável e o *homem*, na visão de Delfim Santos,¹⁰ *enquanto vive, vive sempre*.

Podemos não ter sido nada e poderemos a vir a não ser nada, mas agora somos alguma coisa. Somos humanos! Matéria criada que consegue distinguir o *eu* do *outro* e que consegue saber, pelo *outro*, que um dia morrerá. Estranho saber esse que nunca será verdadeiramente nosso, num claro paradoxo entre o ser e o saber.

A morte constitui-se no derradeiro desafio a enfrentar pelo homem. É um marco decisivo para a vida, não só por ser o seu fim mas por poder celebrá-la. Sem a morte a vida tornar-se-ia num conceito sem sentido. A existência sem fim, infinita, tornar-nos-ia igual às coisas. Ninguém se concretizava enquanto ser vivo nem, em última instância, enquanto pessoa. Creio que não se vive para morrer mas não se vive sem a morte. A própria filosofia existe porque há a morte. Então a morte não se pode transformar num tema tabu ou maldito. Falar sobre a morte é um imperativo para quem quer discutir a excelência e a perenidade da vida humana. Simples, terrivelmente simples.

Sei que não é tarefa fácil falar sobre a temática da morte. As razões são múltiplas.

A primeira porque a nossa sociedade, ocidental contemporânea, tentou retirá-la das suas preocupações, isto é, deslocou-a para fora da nossa convivência. Morrer em família é agora pouco frequente. O normal é morrer nos hospitais rodeados de profissionais sem que haja o menor relacionamento afectivo. A morte tornou-se num assunto tratado por especialistas, estranhos à pessoa que ali está a viver os seus últimos momentos. A morte saiu de casa para se concentrar em locais assépticos, diluindo desta forma a intimidade da família com os seus que, moribundos, se afastam da vida para sempre. A família não testemunha o sofrimento e o fim da vida. Tudo acontece longe de todos, em territórios específicos devidamente fechados, só na presença de profissionais.

É interessante tentar situar este relativo afastamento das famílias em relação à morte dos seus entes queridos e verificar que corresponde ao aparecimento do universo bacteriológico de Pasteur, com as consequências

¹⁰ Delfim Santos (1982). *Obras completas – da filosofia* (tomo 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 362.

previsíveis a respeito de um corpo corruptível, logo impuro. Os microrganismos conotados com a morte tornaram-se seres monstruosos, perigosos, pelo que se impunha uma separação do morto em relação aos vivos.

A segunda razão que percebo para que a morte não se assuma como um tema interessante, diz respeito a uma certa secularização do homem. Este fenómeno, visível através de variadas matizes, também se repercute na morte, que é vista como o fim de tudo, nada mais sendo do que esse mesmo fim. A vida transformada numa mera existência biológica, visão de um materialismo atroz, leva ao inultrapassável drama da morte, que assusta e que nos leva a querer esquecê-la porque, de certa maneira, significa a nossa total aniquilação. Como nos assegura Pedro Laín Entralgo,¹¹ *a antropologia dos que concebem a morte como aniquilação é (...) de um materialismo estrito*. Nada restará para além da nada, do vazio. A morte é um fim sem qualquer esperança de sentido escatológico. Tony Walter¹² exprime uma posição semelhante ao afirmar *que o ponto de referência, tanto na morte como na vida, já não é Deus mas sim o homem; a morte é vista como o fim da vida e não como o início de vida no céu*.

Uma terceira razão descortinada é o drama perante a possibilidade do esquecimento e a conseqüente assunção do nada. Assusta a ideia de ninguém se lembrar de nós próprios. É por isso que se levantam estátuas e monumentos, que se realizam obras ligadas a nomes, se perpetuam teorias nomeando os autores. É em plena consciência da mortalidade que buscamos, pela memória, a tão desejada imortalidade. Esquecimento é que não é admissível.

Por estas e por muitas outras razões assistimos a um grosseiro afastamento do homem da morte, relegando-a o mais possível para a periferia da nossa existência, não fazendo muito eco aqueles autores que se preocupam com a construção de uma verdadeira antropologia da morte, parecendo que são marginais quando, afinal, o assunto é central para a existência humana.

Então, falar sobre a morte não é um empreendimento fácil em virtude da nossa constante inexperiência relativamente a esse assunto. Na tradição cristã apenas Jesus Cristo e Lázaro voltaram ao mundo dos vivos mas, ao que parece, não forneceram grandes informações sobre o tempo após a morte, continuando assim a constituir-se como um mistério absoluto, pelo que apenas há discursos sobre a morte dos outros. Para tal reúnem-se documentos, atentasse a descrições pormenorizadas, empreendem-se observações mais ou menos

⁸ Pedro Laín Entralgo (2003). *Corpo e Alma*. Coimbra: Almedina, p. 101.

⁹ Tony Walter (2003). A secularização. In Colin Murray Parkes, Pittu Laungani e Bill Young (coordenação), *Morte e luto através dos tempos*. Lisboa: Climepsi Editores, p. 195.

sistemizadas e com todo este manancial constroem-se discursos imperiais sobre uma experiência cujo conhecimento *real* não conseguimos transmitir.

O processo que conduz o homem à morte pode ser intuído por cada pessoa, e é-o efectivamente à medida que o envelhecimento ocorre. Sobre esse processo podemos ter discursos na primeira pessoa, embora o mais frequente seja encontrarem-se discursos em prol da imortalidade ou, pelo menos, discursos e práticas que nos tornam seres *amortais*,^{13,14} criando-se a ilusão que não se falando dela deixa de ser uma certeza, alcançando-se a referida imortalidade. É claro que a conquista da imortalidade só pode ser conseguida por seres mortais. Aos seres *amortais* não é possível alcançarem a perpetuidade, mas por vezes as palavras são traiçoeiras, significando exactamente aquilo que não gostaríamos que significassem...

Para concluir este breve ponto gostaria de lançar uma pequena confusão. Embora situadas nos antípodas da nossa existência, nascimento e morte têm algo de comum, qual seja, serem experiências que não são *vividas* por cada um. Sei que nasci e sei que irei morrer, mas não assisti ao meu nascimento, nem *estarei* aqui quando morrer. São experiências cuja consciência nos são externas, como nos diz Ortega y Gasset.¹⁵ É um interessante paradoxo da nossa existência.

Tal como nos questiona Lévinas, *que sabemos nós da morte, o que é a morte?*¹⁶

As respostas são várias, desde a evidência empírica do fim dos processos fisiológicos até a uma percepção transcendente do homem.

Angústia provocada pela ideia de morte

Não há dúvida que a morte é uma palavra medonha, terrível e tremenda que nos atormenta durante anos a fio. Morte! Palavra interdita para muitos

¹³ Devo a Antero de Quental a consciência do significado deste neologismo. Antero de Quental, poeta e filósofo português dos finais do século XIX e princípios do século XX, escreveu que *lembra-me que quando era rapaz (embora não temesse a morte e até arriscava a vida facilmente) evitava sistematicamente pensar na morte (...)* (In Fernando Catroga, 1999. O sentido da morte em Antero de Quental. In *O Homem e o tempo. Liber amicorum para Miguel Baptista Pereira*).

¹⁴ Encontramos também em Edgar Morin (1982), *O homem e a morte, este conceito de ser mortal*. Men-Martins: Publicações Europa-América, pp. 318-327.

¹⁵ José Ortega y Gasset (2002). *O que é o conhecimento?* Lisboa: Edições Cotovia.

¹⁶ Emmanuel Lévinas (2003). *Deus, a morte e o tempo*. Coimbra: Almedina, p. 39.

que nem querem ouvi-la, pronunciá-la ou muito menos discuti-la.

Morte! A única ou das pouquíssimas certezas neste mundo marcado pelo fim das certezas, pelas verdades efémeras e circunstanciais.

Morte! Um dos poucos momentos de cariz igualitário que nos faz perceber a nossa (simples?) condição humana.

Morte! Algo que acompanha o destino do homem, resistindo a eras milenares, à modernidade, projectando-se para todo o sempre da contemporaneidade.

Morte! Tema de ontem, de hoje e, seguramente, de amanhã, constituindo-se o seu mistério como um dos sentidos trágicos e fascinantes da vida humana.

Enfim, morte! Um mistério que alguns querem transformar num mero problema a ser resolvido pela ciência.

Aprofundemos então, sem receios, o tema da morte para celebrarmos a vida.¹⁷

O tema da morte é recorrente nas falas de velhos, cujas histórias de vida temos vindo a analisar.¹⁸ Sem assombro, os nossos entrevistados aludem ao momento *ómega* da vida, e fazem-no com toda a naturalidade, sem angústias de maior, atribuindo-lhe um sentido de celebração do tempo vivido.

Durante os dois últimos séculos, em nome da perfeição e do progresso ilimitado, o mundo ocidental afastou a morte do quotidiano, construindo uma visão idílica de vida onde tal momento não teria lugar. Inventaram-se autênticos eufemismos para a ignorar mas a morte sempre nos espantou e, acrescento, angustiou e nos maravilhou.

São muitas as formas de a ocultar ou transfigurar a crueldade do momento, desde a sua compreensão enquanto sono ou uma catalepsia ou mesmo libertação à espera de uma vida eterna ou, ainda, da transferência do espírito (da vida?) de um corpo para outro, mas é difícil alguém ficar

¹⁷ É evidente que há um pequeno problema que tem que ser apresentado, qual seja, a morte de um recém-nascido ou mesmo de um nado-morto. Aqui é difícil celebrar a vida mas, talvez, se celebre um projecto de vida que não se cumpriu.

¹⁸ Ver as dissertações (mestrado ou doutoramento) por nós orientadas na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto de Leonéa Santiago (em 1999), Margarida Alves (em 1999 e 2004), Fátima Bernardo (em 2000), Gabriela Soares (em 2002), de Maria João Cardoso (em 2003) e de Paula Portugal (em 2004). Embora tratando-se de dissertações no âmbito das Ciências do Desporto, nota-se em todas que o discurso sobre a morte está presente nas falas dos idosos.

indiferente ao tema da morte. Miguel de Unamuno¹⁹ garante que isso nada tem de mórbido, sendo apenas o resultado daquilo enunciado por Aristóteles na sua *Metafísica*: *todos os homens, por natureza, se empenham em conhecer*. A morte, ou o imaginário em seu redor, enquanto tema humano que é, torna-se cognoscível, pelo que é com toda a naturalidade que dela se projecta mesmo uma ciência, qual seja, a tanatologia.

Importante é, como ainda nos lembra Urbain,²⁰ não sermos confrontados com a mudança na natureza do corpo, pelo medo genésico da perda de identidade, como assevera Edgar Morin.²¹ Para tal existem inúmeros rituais, que vão desde a cremação ao enterramento do corpo, isto é à destruição dos mesmos. Há ainda aqueles que conservam os corpos na expectativa do futuro, caso, por exemplo, dos antigos egípcios e dos actuais milionários com a criogenação. Estes não morrem, suspendem apenas a existência à espera de um momento propício para retornarem à vida comum...

A criogenação não é mais que um produto requintado da ciência nesta milenar luta colectiva contra a irreversibilidade da finitude humana. É, no dizer de Unamuno, da essência do ser querer preservar indefinidamente o seu próprio ser, mesmo que com isso se provoque o surgimento de novos problemas.

A clonagem é outra técnica para evitar a morte. Creio que é um excesso narcísico, tentando esquivar o homem de passar pela verdadeira experiência da morte. Têm razão os biólogos quando dizem que a morte, a morte na sua totalidade, foi consequência da reprodução sexuada. O clone, produzido assexualmente, não passa pela morte. É uma simples divisão de alguém. É como as amibas, formas tão elementares de vida. O clone não nasce como nós e por isso não morre como vamos morrendo. O clone transforma-se, qual metamorfose, da nada em nada até ao nada final. Para ele é legítimo que se fale do nada absoluto porque dele não restará a memória. Será um ser sem história.

Ao contrário do ser humano que se conclui no momento da morte, o clone é sempre algo *inconcluído*, nunca terminando, sem esperanças nem promessas.

Fernando Savater²² é eloquente quando afirma que os animais vivem sem propósito próprio. Nós, os humanos – rectifico para os verdadeiros

¹⁹ Miguel de Unamuno (2001). *Do sentimento trágico da vida*. Coimbra: Quarteto Editora.

²⁰ Jean-Didier Urbain (1997). Morte. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol. 36, pp. 381-417.

²¹ Edgar Morin (1982). *Op. Cit.*

²² Fernando Savater (2004). *A coragem de viver*. Lisboa: Dom Quixote (p. 30, adaptado).

humanos – temos planos de vida para poder viver. Sem a morte – a verdadeira morte – não há vida, uma verdadeira vida. Adianta ainda o autor²³ que *ser humano consiste em buscar a fórmula da vida humana uma e outra vez*. O clone não faz isso. É aquilo uma vez e daquilo não sai. A morte não concretiza nada, uma vez que nada significa para quem apenas é um expositor de células. Não existe nenhum mistério na gênese do clone. Tudo é controlado como de uma máquina se tratasse. Uma máquina complexa, mas uma máquina. Não um ser humano. Este é o resultado de dois. É a expressão e o produto da diversidade. Aquele, o clone, é a continuação de um. De um só, que se perpetua no tempo. Ou melhor, no sem tempo, uma vez que o tempo, o nosso tempo, está balizado pelo nascimento e pela morte.

Sei que a sociedade da tecnologia pretende negar a morte. Tudo parece fazer para anular a nossa condição de seres mortais. Como já tive oportunidade de pontuar, fala-se sempre na morte do outro, numa clara tentativa de iludir a nossa, isto é, a minha própria morte. Esta é inconcebível. A ciência não pode aceitar este fracasso. A clonagem é um triste remedeio para quem sente que, afinal, a vida e a morte são inerentes.

O projecto da modernidade era criar em cada homem um Deus. É assim que percebo a morte de Deus anunciada por Nietzsche.²⁴ Prometeram tudo, transformando o além no aqui e no agora. Mas o inevitável não se evita, compreende-se. E eu tento compreender a morte como o corolário da vida, como uma entidade que de alguma forma dá um sentido indiscutível à nossa existência. Não é só a morte que proporciona esse sentido mas também é através da consciência dessa realidade última que a vida se projecta.

No fim de contas a ciência pretende vencer a morte, mantendo viva a ilusão do eterno retorno. A mitologia renasceu sob a forma de ciência! Da fantasia nasceu a razão. Das fantasias alquímicas medievais nasceram as mais sofisticadas tecnologias científicas que permitem a perpetuação do sonho da imortalidade alcançada e da juventude eterna glorificada.

Os grandes mitos do passado, de onde destacamos o já referido mito do eterno retorno, encontram na ciência moderna um inesperado aliado, possibilitando-lhes uma emergência que o radicalismo da modernidade parecia ter anulado. A morte volta a não ser o fim definitivo mas uma paragem do nosso tempo. Este já não é irreversível na sua linearidade moderna mas

²³ Idem, *ibidem*, p. 30.

²⁴ A respeito da anunciada morte de Deus recomendo a leitura de um pequeníssimo texto intitulado Deus morreu? de autoria de Anselmo Borges (2002). *Janela do Invisível*. Porto: Campo das Letras, pp. 19-20.

cíclico, como nos mitos.

São muitas as práticas para manter a juventude, mas quando cai a máscara o tempo *somatizado* revela-se em todo o seu tremendo esplendor – a velhice. E com ela desenha-se um momento, o da morte. Por vezes pela consciência do aproximar da morte verifica-se que, afinal, se viveu. Peço a Raul Brandão²⁵ que me empreste sábias palavras que mostram um possível drama humano: *o que eu quero é viver. (...). Não reparei que vivia e agora é tarde. (...). Encontrei há pouco uma árvore carcomida: deixaram-na de pé, e um único ramo ainda verde desentranhou-se em flor... Pudesse eu recomeçar a vida.*

Admito que o conceito de angústia não ande longe destas palavras cedidas por Brandão. A experiência da velocidade do tempo é vivida por cada um quase diariamente. Mas no dia seguinte essa experiência, essa velocidade vertiginosa de viver, poderá ser novamente sentida, enquanto que a experiência da vida é única, pelo que a juventude, enquanto símbolo de uma vida por viver, é perseguida para se concretizar o imperativo enunciado: *o que eu quero é tornar a viver*, porque, acrescenta o nosso autor,²⁶ *a maior parte da gente, nasce, morre sem ter olhado a vida cara a cara.* Se a um dia, a uma semana, a um mês a um ano outros se seguem, à vida, olhada na velhice o que se segue não é de molde a dar-nos muitas alegrias. A vida, tal como a vamos conhecendo, é única, pelo que importa vivê-la o melhor possível.

Vida e morte, juventude e velhice assumem-se assim como dois pares dicotómicos que regulam a existência humana, principalmente neste nosso tempo fortemente marcado pela cultura da imagem. Estes dois pares podem ser associados de outra forma: vida/juventude e morte/velhice, mas dificilmente se associa a vida à velhice ou a juventude à morte. Estas últimas são associações *contra-natura*. Criou-se a ideia que a morte é um assunto exclusivamente do velho e que a vida é o que se espera para um jovem.

Desta forma o nosso mundo balança entre paradoxos. É o radicalismo dos valores jovens e o aumento da população *velha*. É a estonteante velocidade de mudança tecnológica, mesmo axiológica, e a necessidade da contemplação e da fruição das coisas simples da vida. É o eterno instante, o presentéismo aludido por Maffesoli,²⁷ e a consciência da finitude do devir. É o aspecto juvenil procurado sem cessar e o sentido enrugamento da pele. É liberdade de

²⁵ Raul Brandão (2000). *Húmus*. Lisboa: Frenesi (conforme a 1ª edição de 1917). Escritor e filósofo português.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 43.

²⁷ Michel Maffesoli (2001). *O eterno instante. O retorno trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa: Instituto Piaget.

um hedonismo exacerbado e o *arbeit macht frei*²⁸ de certa modernidade, da industrialização das sociedades.

Há muitos outros discursos sobre a morte, discursos ou práticas que pretendem ultrapassar uma certa nostalgia da existência humana, projectando para o além – conceito de difícil apropriação – *a vida vivida em vida*. O sepultamento de pessoas – entendida por muitos autores como uma característica única humana relativamente a todos os outros seres vivos – com toda uma panóplia de artefacto do quotidiano, tais como alimentos, armas, adornos corporais, mostram que os mortos mantinham a sua corporalidade, isto é, mantinham a sua condição de seres corpóreos, mesmo depois da ocorrência da morte. É com esses artefactos, mesmo de grandes dimensões como o caso de barcas na cultura egípcia ou de grandes edificações como se vêm um pouco por todo o mundo, que o morto abrirá o caminho para atingir a eternidade ou pelo menos um tempo indefinido. Como se pode interpretar das palavras de Edgar Morin,²⁹ nestes casos a morte parece ser um utensílio para prolongar o tempo de vida do ser humano, assegurando-lhe a sobrevivência num mundo desconhecido mas inelutável. Um espírito puro não necessitaria desses artefactos, de onde se compreende que a relação desses povos com a morte era também de natureza carnal.

Ponto de chegada

Termino com a esperança que a morte não é o fim de tudo e que pode ser ultrapassada, como nos canta Luís de Camões, o Poeta dos Poetas, logo na segunda estrofe do Canto I dos seus Lusíadas:

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por suas obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.*

²⁸ Frontão do campo de concentração nazi de Dachau, que pode ser traduzido por o *trabalho liberta*.

²⁹ Edgar Morin (1982). *Op. Cit.*

Pelos feitos o homem pode libertar-se da lei da morte, projectando-se para a eternidade, celebrando a cada momento a vida.

Não foi nem vai ser uma simples ocorrência biológica que retirará a imortalidade de Sócrates, de Camões, de Mozart, de Picasso, de Einstein, de Jorge Amado, nem de Pelé, de Eusébio, de Michael Jordan ou de Cassius Clay. Não! Estas pessoas estão fadadas a ultrapassar esse incómodo, projectando-se para o futuro.

Numa visão eivada de materialismo – quase maniqueísta – o importante é a Árvore da Vida. Desaparece um indivíduo, sobrevive a espécie. Desaparece uma espécie, continua a vida. Mas nada sobrevive à morte de uma pessoa, excepto a sua memória. É ao nível dos outros, mas mantém-se durante determinado tempo. E nos eleitos sobrevive para sempre. Esses são os imortais. São aqueles que pertencem ao Panteão da Humanidade ocupando as mais importantes cátedras da Academia Humana.

O Professor Manoel Tubino encontrou, com toda a certeza, a sua cadeira – a sua cátedra – na Academia dos Grandes Homens. Está lá sentado a ver-nos a ser humanos. O nosso querido Mestre já superou o desafio da morte, porque, na realidade, a morte é um fim mas não tem que ser o fim. O corpo, enquanto realidade biológica ou zoológica, pode desaparecer mas a memória da pessoa permanece intacta.

São vários os pensadores que abordam este dualismo que a morte pode evidenciar. Na Grécia Antiga, por exemplo, com Platão e Aristóteles,³⁰ fala-se do corpo e de alma, embora nem sempre de forma coincidente. Santo Agostinho,³¹ talvez na linha de Platão, percebe ainda o espírito como uma entidade que intermedeia o corpo e alma, sendo que esta posição é contestada por São Tomás de Aquino na sua fabulosa *Suma Teológica*. Fernando Savater³² refere-se ao corpo e ao espírito. Dalai-Lama,³³ por seu turno, alude ao corpo e à mente. Em ambos os casos se entrevê a posição exposta por Miguel de Unamuno³⁴ para quem não nos podemos conceber como não existentes, mesmo depois da morte. Parece que queremos que

³⁰ Numa rápida consulta a obras já referenciadas destes dois autores, verifica-se a existência do dualismo corpo/alma, não cabendo aqui o aprofundamento deste assunto, nem o estabelecimento das convergência e divergências do pensamento destes dois vultos da filosofia grega.

³¹ Dizia Kierkegaard que *o homem é uma síntese de corpo e alma operada pelo espírito*. Como se percebe, as possibilidades são amplas mas todas anunciando várias entidades.

³² Fernando Savater (2000). *O meu dicionário de filosofia*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

³³ Dalai-Lama (2006). Prefácio. In *O Livro dos mortos dos tibetanos*. Lisboa: Círculo de Leitores.

³³ Miguel de Unamuno. (2001). *Do sentimento trágico da vida*. Coimbra: Quarteto Editora

algo de nós, mesmo sem suporte material, perdure para lá do tempo de vida, vendo alguns autores neste desejo o mito da imortalidade devidamente assumido. Se por um lado a morte/aniquilação é uma possibilidade material, por outro parece ser uma inadmissibilidade espiritual.

Consigamos, como conseguiu o Professor Manoel Tubino, alcançar a perpetuidade espiritual. Sigamos o seu exemplo e tentemos alcançar a eternidade. Ele conseguiu esse feito.

Obrigado caro Professor. Até breve!



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO